

## NAS HORAS DA TRADUÇÃO

Prof<sup>o</sup> Éder Menezes da Silva<sup>1</sup> (UFMS)

*Resumo: Não obstante, nos últimos anos, o estudo da tradução literária tem ampliado os seus horizontes, e pode ser visto como uma chave para abordagens contrastantes dos estudos literários. A tradução é também uma questão relevante na compreensão do desenvolvimento de uma literatura. Em certas épocas e em certas literaturas, a tradução desempenha um papel central, e ela é responsável pela introdução de novas formas que vêm de fora do país. Em outras ocasiões, e freqüentemente em literaturas já consolidadas, a tradução desempenha um papel periférico. Dessa forma, propõe-se, neste ensaio, tratar sobre a relação que nos permite entender um tipo de tradução que nomear-se-á de cultural, pois sabemos que as duas obras em questão são de vernáculo inglesa, e, desse modo, a tradução lingüística, ou seja, a passagem de um sistema lingüístico para outro não ocorre neste contexto. Para tal explanação, nos pautaremos teoricamente no que Bhabha nos diz em seu O local da cultura, sobretudo quando nos remete a idéia de que devemos nos situar, pensando nas obras selecionadas, nas margens deslizantes do deslocamento cultural – isto torna discutível qualquer sentido profundo ou “autêntico” de cultura “nacional” ou de intelectual “orgânico” – e perguntar qual poderia ser a função de uma perspectiva teórica comprometida, uma vez que o hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial é tomado como lugar paradigmático de partida. Contudo, deve-se abordar, em um segundo momento já pensando em uma seqüência de reflexões a serem discutidas posteriormente no corpus da dissertação, ainda em fase de construção, a relação existente entre as personagens do romance Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf, e do romance As horas, de Michael Cunningham sob uma reflexão acerca das diferenças culturais e temporais em que as obras estão localizadas e dialogam, nas quais se observam traços culturais relevantes da pós-modernidade traduzidos literariamente pelo olhar de viés de Cunningham. Para que se compreenda um pouco acerca de como alguns teórico-críticos entendem o processo de “tradução” e a sua relação com a literatura, observa-se a necessidade de reunir alguns pensamentos e definições os quais deverão ser esclarecidos coerentemente no âmbito do referido trabalho. Portanto, atualmente, as ficções situam-se além das fronteiras e, são construídas com fragmentos de culturas diversas e compostas por personagens cuja sina são constantes deslocamentos, o embaralhamento de identidades e a crise social, que podem ser entendidos como sintomas da falta de representatividade de classe.*

**Palavras-chave:** Mrs. Dalloway, Cunningham, Virginia Woolf, Estudos Culturais

Antes que bata o Big Ben, e você, caro leitor, se atrase, espere por um ônibus (como um daqueles que circulavam pelas ruas da Londres de 1929) que o levará exatamente do local onde uma distinta figura londrina chamada Mrs. Dalloway estava ao atravessar a sofisticada Victoria Street, com destino a Big Apple, de um certo escritor norte-americano chamado Michael Cunningham, com direito a viagem no tempo em três diferentes lugares, para conhecer três personagens ímpares que, de um certo modo, se correlacionam e constituem a obra intitulada *The hours* (1998), que valeu a Cunningham o prêmio Pulitzer de 1999.

A parada obrigatória em New York poderá fazer o diferencial – mesmo em sua “balbúrdia, em sua inflexível decrepitude pardacenta, em seu declínio infundável”, porém, com uma visão das árvores, ao longo da West Tenth Street, que produzem “folhas pequenas e perfeitas” (CUNNINGHAM, 2003: 15), pois se trata de um lugar no qual há uma heterogeneidade de culturas, de raças, no que podemos entender por marcas da *pós-modernidade*, termo que será discutido apropriadamente no decorrer deste trabalho.

É válido ressaltar, no entanto, que se trata de uma “viagem pelo tempo”, entre dois pontos. De um lado, a obra da modernista Virginia Woolf intitulada *Mrs. Dalloway* (1925) e do outro, o romance norte-americano, de Michael Cunningham, cujo título será retomado não mais em inglês

como outrora. Portanto, *As horas* será o título utilizado ao longo do trabalho. Nossa análise encontrar-se-á conduzida por proposições e reflexões de teóricos e críticos contemporâneos que nos ajudarão a compreender o processo de construção do romance de Cunningham. Desse modo, sugerimos que não percamos mais tempo, pois as horas passam, o momento do embarque se aproxima de forma efêmera, e, pontualíssimamente, foi anunciado pelo incansável Big Ben.

Por certo, haverá vários caminhos a percorrer em se tratando de toda uma trajetória proposta por Cunningham, que estreita a relação entre sua obra e a de Woolf. Acreditamos, entretanto, que delimitar uma definição de *tradução* que possa dialogar e articular-se de maneira ampla, permitindo com que haja aproximação entre os teóricos, é uma tarefa, embora complexa, necessária, para que possamos ter um fio que nos leve a entender todo o processo que constitui *As horas*.

Não obstante, nos últimos anos, o estudo da tradução dentro do campo literário tem se ampliado, e pode ser visto como um importante instrumento para abordagens contrastivas nos estudos literários. A tradução é também uma questão relevante na compreensão do desenvolvimento de uma literatura. Atualmente, a tradução desempenha um papel de destaque, e ela é responsável, em parte, pela introdução de novas formas que vêm de fora do país.

Em face do exposto, para compreendermos o que implica a prática literária utilizada pelo escritor norte-americano que nos revela uma produção ficcional ressaltando o trânsito das mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas com destaque para a reconfiguração da narrativa urbana, da emergência da ficção em espaços ainda incertos, torna-se indelével falar em todo um trabalho por meio da *tradução*, sem recorrermos às contribuições teóricas de um dos pilares sobre estudos relacionados ao tema da tradução – Jacques Derrida. Em seu livro intitulado *Torres de Babel*, Derrida analisa um ensaio de Walter Benjamin cujo título é *A tarefa do tradutor*, no qual se tece considerações à respeito da missão do tradutor e uma possível dívida no ato tradutório ao afirmar que “O tradutor é endividado, ele se apresenta como tradutor na situação da dívida; e sua tarefa é de devolver, de devolver o que devia ter sido dado” (DERRIDA, 2002: 27).

Neste sentido, o que Cunningham propõe em *As horas* é uma espécie de tradução como “transferência” em relação ao texto de Woolf por meio do *pastiche*. Sob a perspectiva de Jameson (1993), “o *pastiche*, como a paródia, é a imitação de um estilo peculiar ou único, o uso de uma máscara estilística, a fala numa língua morta: mas é uma prática neutra dessa mímica, sem a motivação ulterior da paródia” (JAMESON, 1993: 29). Entretanto, podemos observar que enquanto a modernista Woolf propunha uma ruptura dos padrões da época ao escrever *Mrs. Dalloway*, Cunningham faz um resgate do passado por meio do diálogo crítico que traduz as diferenças culturais, históricas, entre outras. Por ventura, a definição de Jameson sobre o *pastiche* enquanto prática neutra ou simplesmente imitação de um estilo morto corresponderia ao que o autor de *As horas* realizou?

Tal indagação torna-se pertinente para discutirmos, no decorrer de nossa viagem pelo tempo, a questão da revisitação que Cunningham fez ao romance woolfiano. O último é representado pela história da senhora Clarissa Dalloway, uma inglesa que está a preparar uma festa. Uma festa daquelas que se oferece á burguesia. Essa que define o estilo de vida de uma sociedade, que se levanta depois de uma terrível guerra (a 1ª Guerra Mundial).

Se Cunningham ficcionaliza o passado e o coloca em discussão é para que por meio desse resgate possamos não confirmar o presente, mas o inquietá-lo. O que deve nos interessar é o entrelaçamento de cultura, de histórias, de sentimentos que estão presentes em *As horas* ao retratar três diferentes histórias na vida de três mulheres. A personagem Virginia Woolf, em 1923, quando está escrevendo seu romance *Mrs. Dalloway* em Richmond, um subúrbio londrino, onde, mora com o dedicado marido Leonard, almeja uma tranquilidade necessária ao seu perturbado estado mental. Num segundo momento, temos Laura Brown, uma dona de casa norte-americana que mora num subúrbio de Los Angeles em 1949, e casada com um herói da Segunda Guerra, mãe de Ritchie, um garoto que adora questionar a mãe, grávida do segundo filho, sobre tudo. E por último, temos Clarissa, editora de sucesso em New York, com cinquenta anos de idade e casada com uma

produtora de TV, e melhor amiga do poeta Richard, também homossexual e aidético terminal, para quem Clarissa está organizando uma festa pela conquista de um prêmio literário.

Para contribuir com as reflexões propostas, traremos à luz o que Larrosa & Skliar (2001) dizem a respeito da tradução como instrumento para uma prática da diferença por meio de uma *dimensão babélica* que nos revelam alguns elementos da tematização contemporânea da literatura no campo dos Estudos Culturais:

O nome de Babel atravessa também alguns temas políticos e culturais, como os deslocamentos maciços de populações, a violência racial, os enfrentamentos no interior das cidades, o caráter plural, mestiço ao mesmo tempo crescentemente segmentado das comunidades, a progressiva destruição e burocratização dos espaços de convivência, a proliferação dos intercâmbios e das comunicações, a afirmação das diferenças em um mundo cada vez mais globalizado. (LARROSA & SKLIAR, 2001: 8).

Tal citação nos remete logo a idéia de que *As horas*, assim como o nome confuso de Babel, reflete uma visão de mundo em que nos faz pensar em três momentos diferentes e conflituosos, os quais são representados pelas personagens do romance de Cunningham, talvez para questionarmos quais são os efeitos de sentido, ou de contra-sentido ou, até mesmo, de não sentido que podemos construir o presente questionando o modo como transportamos ou traduzimos as experiências do passado.

Pensemos na personagem Clarissa Dalloway, de *As horas*, que figurativiza, de certa forma, o mundo pós-moderno e porque não dizer “babélico”, que exprime uma realidade com diversidades étnicas, sociais e culturais, a exemplo da passagem na qual a Mrs. Dalloway de Cunningham se depara com tais diversidades ao atravessar a Eight Street em New York:

Rodas zumbindo sobre concreto, a agitação e o choque produzidos; um véu de espuma branca soprando da fonte, enquanto rapazes sem camisa jogam frisbee e ambulantes (do Peru, da Guatemala) emitem uma fumaça pungente, cheirando a carne assada, de seus carrinhos prateados. (CUNNINGHAM, 2003: 19).

Dessa forma, podemos inferir que se compararmos a passagem descrita anteriormente com a história da Torre de Babel descrita na Bíblia, na qual os homens se reuniam em torno de uma única torre, de um nome e de uma língua, veremos que, na contemporaneidade, os fatos acontecem a partir da diversidade “bem” ordenada e “bem” comunicada de diferentes cidades, diferentes torres, diferentes nomes e diferentes línguas. E, sob esta perspectiva, é que o cenário de New York se insere neste contexto babélico, pois simboliza as diferenças por meio de uma impressão de que aquilo que importa é continuar administrando e governando as fronteiras problematizadoras entre o ser e o não ser, entre o eu e o outro, apesar de situações desiguais nas quais a sociedade contemporânea está mergulhada.

Por certo, outras abordagens servirão de suporte para discutirmos a nossa exposição no primeiro capítulo, a exemplo do que Bhabha (2003) nos diz em seu *O local da cultura*, sobretudo quando nos remete a idéia de tradução como *negociação*. Desse modo, pensemos que entre *As horas* e *Mrs. Dalloway* há uma ligação histórica, política, cultural e, sobretudo, literária que se encontram nas “margens deslizantes do deslocamento cultural”, e na reflexão sobre qual poderia ser a função de uma perspectiva teórica crítica, “uma vez que o hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial é tomado como lugar paradigmático de partida”. (BHABHA, 2003: 46).

Num segundo momento, podemos refletir sobre outra questão, pode ser entendido enquanto um *entre-lugar* de enunciação comum a outras nações que se ocupam ou se aproximam de outros discursos. Esse fato pode ser considerado uma prática *pós-moderna*, na qual a narrativa é fluida, pois está atravessada por outra cultura, ou outras culturas. O que surge desse diálogo de *As horas* com a tradição é um deslocamento que propõe rever essa relação. Assim, poderíamos nomear essa relação de “transferência cultural” ou de “identidades” em que seu autor toma de empréstimo, na tentativa de tecer uma narrativa na qual se dá a nítida impressão de que ele apropria-se de pedaços, do enredo woolfiano, como se fossem peças, na construção um mosaico, e as utiliza acordo com o que ele quer dizer.

Em face do exposto, temos como um dos vários exemplos de apropriações que permeiam o romance de Cunningham, o fato de “ainda ser preciso comprar flores” (CUNNINGHAM, 2003: 15). Tal idéia já foi descrita no romance inglês: “Mrs. Dalloway disse que ela própria iria comprar as flores”. (WOOLF, 1980: 7). Entretanto, é retomada pelo autor por meio de uma personagem, que não coincidentemente se chama Clarissa, apelidada de “Mrs Dalloway” pelo amigo e escritor Richard, que está em fase terminal de AIDS. Para comprovar o diálogo direto com a obra de Woolf note que o termo “ainda” nos dá o efeito de continuidade e está empregado na abertura do capítulo intitulado *Mrs. Dalloway* na obra de Cunningham.

Dessa forma, qual será a relevância do *significado* dessa apropriação textual descrita no parágrafo anterior? Para pensarmos esta questão, propomos relevante a reflexão de Arrojo (1993), sobre a problemática do significado, que, segundo a autora, “somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos e morais, nas circunstâncias históricas que constituem a comunidade sociocultural” (ARROJO, 1993: 19).

Em complementaridade a essa reflexão, observemos que antes de ser o autor de *As horas*, Cunningham é um leitor que não pode ler um texto sem que projete nessa leitura as circunstâncias e os padrões que o constitui enquanto leitor e membro de uma comunidade. Assim, implica-se, aqui, o fato de que podemos contar com as interpretações de um determinado texto a partir de uma leitura produzida por uma ideologia e pela localização temporal, geográfica, política e cultural de um determinado leitor.

Afinal, como podemos entrar em contato com um texto e fazer com que ele nos fale se não for por intermédio de uma relação especial a que nomeamos “leitura”, e porque não dizer “tradução”? Desse modo, é na esteira do pensamento de Larrosa (2004), que podemos afirmar que Cunningham apresenta-se como leitor-tradutor-crítico da obra de Woolf e, nos faz pensar que “a experiência da tradução, não tem somente a ver com o que acontece na mediação entre as línguas, mas se amplia a qualquer processo de transmissão ou de transporte de sentido” (LARROSA, 2004: 63). Em outras palavras, ler também pode ser considerado um ato tradutório, pois no momento da leitura estabelece-se uma relação direta entre o texto e leitor.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ARROJO, Rosemary. “A que são fiéis tradutores e críticos da tradução?”. In: Tradução, desconstrução e psicanálise. São Paulo: Imago, 1993.
- [2] BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila & Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003.
- [3] CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- [4] DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

- [5] JAMESON, Frederic. *O pós-modernismo e a sociedade de consumo*. In: KAPLAN, E. A. (org). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- [6] LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*/ Jorge Larrosa: traduzido por Cynthia Farina. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- [7] LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos. *Babilônicos somos. A modo de apresentação*. In: *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*/ organizado por Jorge Larrosa e Carlos Skliar. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- [8] WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

---

**<sup>1</sup>Éder Menezes da SILVA, Professor Mestrando**  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CPTL)  
eddmens@hotmail.com